

Ferreira Gullar

Em nosso número anterior foi publicada uma "charge" de Claudius como ilustração do artigo de Ferreira Gullar, "Lygia entre o brinquedo e a máquina". A ilustração destinava-se a outro tópico sobre tema semelhante, e Gullar não tem a mínima responsabilidade com o acontecido.

N. da R.

IVAN SERPA E DAREL VALENÇA

E a pintura continua. Aos trancos e barrancos, mas continua. É fato que, pelo menos no Brasil, o entusiasmo pelas artes plásticas é menor. Discute-se menos, os jornais reduzem o espaço que dedicavam à matéria. Não nos iludamos com páginas de reproduções em cores de quadros antigos e modernos nas revistas: é que elas têm de utilizar a capacidade técnica de suas máquinas de imprimir... Os velhos críticos vão se calando e não surgem novos. Mas a coisa continua, mesmo assim.

Houve, há pouco, o Salão Moderno. Mais um artista ganhou o prêmio de viagem ao estrangeiro: 500 dólares por mês durante dois anos, ou sejam 7 milhões e duzentos mil cruzeiros pagos pelo governo, além de outras vantagens que sempre se arranjam. É claro que há outros privilégios por aí, muito mais graves. O que não nos impede de perguntar: por que gastar 7 milhões com um artista que praticamente nada faz pelo País? Não acho que se deva perseguir os artistas, como tampouco encontro razões para justificar que se lhes dê tratamento especial num País como este. E muitos desses artistas, como diz Milton Dacosta, voltam da Europa barbeiro ou guarda civil. Aliás, em muitos casos, isso é preferível... Não falemos de outro Salão, o acadêmico que goza de regalias semelhantes. Mas atenção: não estou pedindo que se acabe com os prêmios. Seria uma solução parcial e injusta, num mundo de privilégios. A reforma agrária é mais urgente.

Li que Ivan Serpa tinha mudado de rumo, virara figurativo, e fui ver. Não que duvidasse, absolutamente. É que acredito estar chegando a hora de revermos os juízos emitidos sobre artistas de nossa geração, que já possuem

hoje nome e prestígio. Mês passado escrevi sobre Lygia Clark, que, como Ivan, participou dos combatentes concretistas. Ela continuou naquele rumo, abrindo outras trilhas até o ponto em que está agora, entre a necessidade e o acaso. Ivan, que foi rigidamente concreto de causar surpresa a Max Bill! — abandonou a trilha faz cerca de quatro anos, tomando o rumo do tachismo, que então desabrochava como cogumelo pela Europa inteira. Agora, deixava o tachismo pela figura? Fui ver.

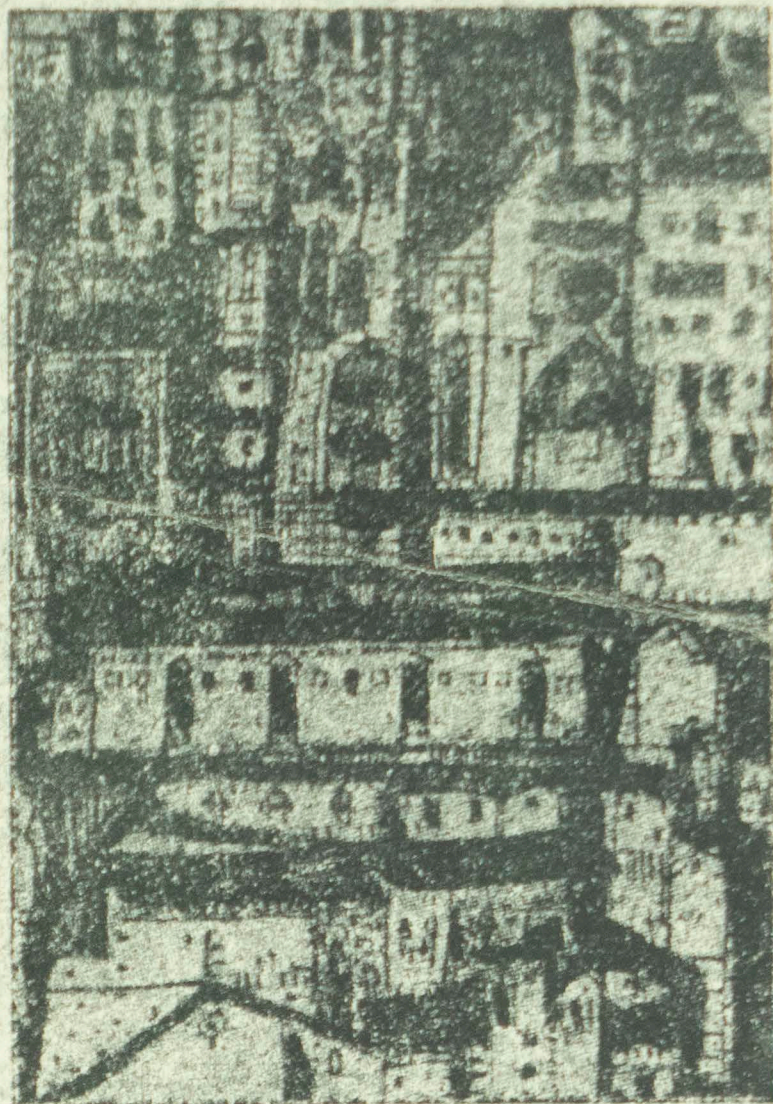
Ali, estavam, na loja de Joaquim Tenreiro, os novos quadros de Ivan. Nota-se, de saída, que o pintor experimenta, pois naqueles poucos quadros (talvez não cheguem a vinte) há pelo menos três ou quatro maneiras diferentes de resolver a obra. Em alguns a figura mal surge, noutros ela se completa entre fragmentos de manchas coloridas, noutros ela se mostra claramente, com linha de contorno e tudo: pintura figurativa mesmo!

Fiquei me lembrando do Serpa de 1951, 52, concretista ortodoxo. Quem diria que, por baixo daqueles quadrinhos, dormissem tantos monstros e tantos sentimentos? De fato, confirmo uma tese: os artistas têm nada e tudo para dizer. A arte pode dizer qualquer coisa, porque o artista, homem, sujeito às contradições, traz em si os extremos e o que fica entre eles. Eis porque é bobagem julgá-los pela "coerência" da obra.

Essa exposição de Serpa tem, para mim, um aspecto positivo: o pintor começa a voltar à realidade. É evidente que ele resiste, ainda, a voltar de vez. Atravessa pesadelos, advinha monstros nas manchas. Caminha um pouco mais: as figuras humanas são quase monstruosas e se mostram pelo que têm mais animal.

Serpa desce para realidade individual, subjetiva. Seus quadros refletem certa repugnância de um dos aspectos mais complexos do real: o sexo. Suas figuras são mulheres, mulheres nuas, deformadas, animais, felas, caricaturais. Há certo moralismo nessas pinturas, reflexo talvez do temor em ser reconduzido à condição de homem comum. Mas há coragem em colocar o problema, em defrontar-se com ele. Dessa visão deformada do real, pode Serpa caminhar para um ponto de vista mais objetivo em que sua condição de homem e de artista se exprima com maior amplitude e profundidade. A porta se abriu.

Não se deve deixar de lado o aspecto puramente pictórico da mostra. Os quadros expostos mostram um pintor de técnica madura, senhor de seu "métier", capaz de lidar com a linha, a cor e matéria com total domínio. Falta-lhe, naturalmente, no início dessa fase, a seleção dos elementos expressivos e sua utilização em profundidade. O que virá com o trabalho.



DAREL

Outra exposição figurativa é a dos novos desenhos de Darel Valença, apresentados pela Petite Galerie. Problema diferente do de Ivan. Darel sempre foi figurativo. No mais acêso da campanha pelo concretismo, ele montava uma oficina de gravura na Escola de Belas Artes e reunia ali um grupo de jovens gravadores figurativos. Formava ao lado de mestre Goeldi, com Marcelo Grassmann. As tentativas de abstração de Lívio Abramo não o perturbavam. Tampouco se fascinou pelas manchas preciosas de Fayga Ostrower. "Bom cabrito não berra", dizia ele. Ganhou o tal prêmio do Salão, andou pela Europa, gostou da Espanha, muito embora não tenha encontrado lá os mestres da litografia que buscava. Seu desenho sofreu a influência talvez da paisagem, da arquitetura e cidades antigas que visitou.

A exposição de agora guarda as características que trouxe. Uma espécie de desenho que agora se vai tornando impressionista. Traços separados, manchas, meios-tons, e surge uma cidade, um quarteirão (um boulevard?), uma rua... européia. Perguntei a Darel: "você é senha do natural ou de imaginação?" "Ele me disse: "de imaginação, misturo lembranças de cidades européias e brasileiras, vou fazendo". "Fiquei matutando. Por que não desenha a cidade mesma em que se vive? por que não tentar captar a vida que está aí, as pessoas, as ruas, as avenidas, os aspectos da vida atual?"

O próprio Darel observou que suas cidades vão se tornando cada vez mais abstratas, menos cidades, cada vez mais uma composição de traços e linhas emaranhados. É fato. Enquanto Serpa tende para a figura, Darel, figurativo, tende para o abstrato.